

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v18i34.21210>

FAVOS DE RESISTÊNCIAS: UMA EXPERIÊNCIA SINGULAR DE UM PROJETO EDUCATIVO SOBRE GÊNERO E HISTÓRIA PÚBLICA

Drieli Fassioli Bortolo

Doutoranda em Educação – Universidade Estadual de Maringá

E-mail: drifassiolibortolo@gmail.com**Cyntia Simioni França**

Docente do Programa de Mestrado em História Pública e ProfHistória- UNESPAR

E-mail: cyntiasimioni@yahoo.com.br

Resumo

As questões de gênero fazem parte do nosso cotidiano, ente elas, a violência de gênero que cresceu exponencialmente na pandemia de Covid-19 em virtude do isolamento social, com milhares de pessoas violentadas anualmente em nosso país. Esse problema social com outros ligados às questões de gênero, ainda permanecem e manifestam-se no ambiente escolar como uma expressão da esfera macrossocial, tal qual também é produzida por ela. A partir dessas questões norteadoras, realizamos a presente pesquisa, a fim de produzir conhecimento histórico-educacional pela via da autoridade compartilhada a respeito da temática de gênero com estudantes do 1º e 2º Ano do Ensino Médio, pertencentes à uma escola pública do município de Campo Mourão, no Paraná. Partimos das experiências estudantis como potencializadoras para a construção das narrativas e debate em grupo em uma metodologia de oficinas com práticas de rememoração benjaminiana.

Palavras – Chave: Gênero. Violência de gênero. Ensino de História. Memória. História pública

FAVOS DE RESISTÊNCIAS: A UNIQUE EXPERIENCE OF AN EDUCATIONAL PROJECT ON GENDER AND PUBLIC HISTORY

Abstract

Gender issues are part of our daily lives, for example, gender violence has grown exponentially in the Covid-19 pandemic due to social isolation, with thousands of people raped annually in our country. This alarming social problem, along with others related to gender issues, still remain and are manifested in the school environment as an expression of the macrosocial sphere, as it is also produced by it. Based on these guiding questions, we carried out this research in order to produce historical-educational knowledge through shared authority regarding gender issues with students in the 1st and 2nd year of high school, belonging to a public school in the municipality of Campo Mourão, in Paraná. We start from student experiences as potentiators for the construction of narratives and group debate in a methodology of thematic workshops based on Benjamin's remembrance practices.

Key words: Gender. Gender violence. Teaching of History. Memory. Public history

FAVOS DE RESISTENCIAS: UNA EXPERIENCIA ÚNICA DE UN PROYECTO EDUCATIVO SOBRE GÉNERO E HISTORIA PÚBLICA

Resumen

Los temas de género forman parte de nuestro día a día, por ejemplo, la violencia de género ha crecido exponencialmente en la pandemia del Covid-19 por el aislamiento social, con miles de personas violadas anualmente en nuestro país. Este alarmante problema social, junto con otros relacionados con las cuestiones de género, aún permanecen y se manifiestan en el ámbito escolar como expresión del ámbito macrosocial, pues también es producido por éste. Con base en estas preguntas orientadoras, realizamos esta investigación con el fin de producir conocimiento histórico-educativo a través de la autoridad compartida sobre las cuestiones de género con estudiantes del 1º y 2º año de la escuela secundaria, pertenecientes a una escuela pública en el municipio de Campo Mourão, en Paraná. Partimos de las experiencias de los estudiantes como potenciadores para la construcción de narrativas y debate grupal en una metodología de talleres temáticos basados en las prácticas de rememoración de Benjamin.

Palabras Clave: Género. Violencia de género. Enseñanza de la Historia. Memoria. Historia pública

Introdução



Fonte: Desenho da estudante Alex. Dados da pesquisa (2022).

Superação

Eu fiz esse desenho para representar a violência das mulheres, homossexuais, pobres, minorias no geral na mão de homens. (Estudante Alex, 16 anos, 2º ano, bi-gênero lésbica e demisssexual).

Compartilhamos uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Mestrado em História Pública, na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), na cidade de Campo Mourão. O objetivo da dissertação foi produzimos conhecimentos histórico-educacionais com estudantes da rede estadual de ensino, tendo como mote de reflexão a violência de gênero.

A violência pode acometer a qualquer indivíduo em nossa sociedade, mas as pessoas mais vulneráveis são justamente as minorias sociais, tais como mulheres, pessoas

LGBTQIAPN+s¹, indígenas, pessoas negras e que estão em situação de vulnerabilidade social. Em diálogo com o desenho de Alex, uma das leituras possíveis é a de uma mão tentando se soltar, e aparentemente ela consegue, já que o título é “Superação”.

Ao olhar para a representação da estudante penso em quantas superações de violência de gênero precisamos lidar cotidianamente. O que, no meu entendimento, torna esse problema estrutural presente em nossa sociedade, pois a violência de gênero está ancorada no machismo, no patriarcado, na heterossexualidade e tem, muitas vezes, esses comportamentos validados por nossos governantes. Ou seriam (des)governantes?

O ex-presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro (2018-2022) expõe abertamente todos os seus preconceitos, alguns deles estão contidos no Figura 01, abaixo:

Figura 01 - Frases preconceituosas, machistas, racistas e LGBTfóbicas de Jair Bolsonaro.



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Ao olhar para tantas falas preconceituosas, muitas delas ditas antes de Jair Bolsonaro tornar-se presidente, percebo o quanto nossa sociedade é machista, misógina, racista, LGBTfóbica. Sinto-me profundamente atacada por suas falas. Quanta/e/os² outra/e/os também não se

¹ A sigla refere-se à lésbicas, gays, bissexuais, trans e travestis, *queers*, intersexos, assexuais, pansexuais, não-binários, entre outra/e/os.

² Nesta pesquisa fizemos uso dos pronomes neutros, entendidos enquanto uma maneira respeitosa de tratar pessoas que não se identificam ou não se identificam totalmente como Homens ou Mulheres.

sentem? E o pior, quanta/e/os não foram mortos por suas políticas de (des)governos? Quantos ataques não tivemos à educação? Com *FakeNwes*, censura em sala de aula, estudantes sendo estimulada/e/os a filmarem seus professora/es e esta/es sendo chamada/e/os de “doutrinadora/es”. E muitas outras. Foi diante desse cenário que realizamos a presente pesquisa, em meio a tantos horrores, no diálogo com memórias da/e/os estudantes, em específico da violência de gênero. Sujeitos estes que estão inseridos em um contexto social, em uma cidade, em uma escola.

Alex, Retsu, noombrilisme, Rebecah, Mel, Sinon/Sinox, Cris e Hannah são a/e/os estudantes que aceitaram participar do projeto-educativo *Combatendo a Violência de Gênero*. Ela/e/us vivem no município de Campo Mourão, no interior do Paraná e estudam em um colégio da rede estadual de ensino.

Após participarmos de algumas aulas de disciplinas variadas entregamos os convites para participarem do projeto, a questão era que muita/e/os manifestavam interesse, porém, não retornavam com os termos do Comitê de Ética³ assinado pelas pessoas responsáveis. E muitos diziam: “minha mãe não deixou”, “meu pai não deixou por conta do tema”. Isso fez com que abrissemos para as turmas do técnico, Formação de Docentes do 1º e 2º ano do Ensino Médio. Depois de várias idas ao colégio pela manhã, formamos um grupo com 16 estudantes, algum/a/es do 1º e outro/a/es do 2º ano de uma escola pública no centro da cidade. No decorrer do percurso participantes desistiram e finalizamos com 8 estudantes após a realização de 8 *Favos de Resistência*.

A explicação do nome é baseada na leitura sobre Marcel Proust, “constituiu, com as colmeias da memória, uma casa para o exame dos seus pensamentos” (Benjamin, 1994, p. 38), em que cada acontecimento seria um favo, e que ao juntá-los, constituem uma colmeia. Já a resistência está atrelada a ideia de que podemos resistir, e nisso está a potencialidade para a mudança.

As oficinas temáticas foram ao encontro dessa perspectiva e para o presente artigo, fizemos uma um recorte das produções estudantis. Cujas propostas do 2º *Favo de Resistência: Rememorando as experiências de gênero*, foi a de trabalhar sobre os papéis de gênero no

³ O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Unespar, submetido na Plataforma Brasil, com o número CAAE 57285322.3.0000.9247, cujo número do parecer foi 5.339.570.

cotidiano da/e/os estudantes; enquanto a intenção do 3º *Favo de Resistência: O ato de contar-nos* foi que ela/e/os contasse um pouco da sua história por meio de um objeto na relação com as questões de gênero.

Nesta pesquisa partimos da concepção da filósofa Judith Butler (2020) para as questões de gênero. É, portanto, a partir do entendimento de que tanto o gênero quanto o sexo são socialmente construídos que embasa este trabalho. Em nossa sociedade há a ideia de que o gênero é pré-determinado pelo sexo, e o sexo é natural, é biológico, ou seja, se uma mulher age de tal forma é porque ela o faz em virtude de seu corpo biológico, por exemplo.

Mas então como desconstruir esse argumento? O primeiro passo é compreender a diferença entre gênero e sexo. O sexo é o nosso corpo, nossas atribuições físicas. O gênero são os papéis sociais que temos por nos identificarmos como homens e mulheres, por exemplo. Todavia, o sexo também é socialmente construído, isso não quer dizer que não tenhamos corpos diferentes, muito pelo contrário, o que Butler (2020) coloca é que apesar dessa diferença corporal, foi a sociedade que determinou as características que seriam atribuídas a cada sexo, aos homens e às mulheres.

Contudo, a sociedade não está findada nesse binarismo homem/mulher. Ao contrário, somos muitas, muitos e muitos. Há diversidade. Portanto, um segundo passo é que pensemos além das “caixinhas” que nos foram passadas, uma vez que não há apenas dois gêneros, não temos em nossa sociedade somente homens e mulheres, em que homens fazem X e mulheres Y. Há outras identificações, existem pessoas que não se identificam com nenhum gênero, há outras que transitam entre vários gêneros, há aquelas que se identificam parcialmente com algum gênero. Essas e muitas formas de identificação recebem o nome de não-binárias. Isso significa que não se identificam ou não se identificam totalmente nem como homens nem como mulheres.

E, ao contrário do que a sociedade costuma aceitar, o sexo também não permanece em dois. Há muitos corpos que vão além daqueles que entendemos enquanto de homens e mulheres, são as pessoas intersexo, cujo corpo foge desse padrão construído. É nessa perspectiva que Butler (2020) elabora seu argumento, de que o gênero não é resultado do sexo, ou seja, o gênero, como agimos, nos identificamos, não é resultado do nosso corpo, uma vez que há uma multiplicidade muito maior do que foi imposto pela sociedade. Portanto, ela abre para que

pensemos além da dualidade, há tantos gêneros e tantos sexos, e nenhum é determinado pelo outro.

Ademais, o gênero é constituidor de distintas instituições e práticas, da mesma forma que estes o constituem. Uma vez que o gênero é constituído historicamente, as identidades de gênero transformam-se continuamente. Sendo justamente as teorias e práticas feministas também constituidoras do gênero, e o fazem por meio de seus discursos e propostas de (des)construção. O mesmo ocorre com e na escola, que também produz noções de gênero e sexualidade (Louro, 2020). Ou seja, a acepção de gênero que a/e/os estudantes têm são construídas em parte pela escola, além da família, de outros âmbitos sociais e de reflexões próprias.

Para trabalhar com essas noções optamos pelo uso da literatura, obras de arte de produções audiovisuais para potencializar a rememoração nas oficinas temáticas, que considera não somente as memórias voluntárias, mas também as involuntárias. Na qual a potencialidade da última está em ela surgir como um *flash* de luz no alto do céu em um momento às vezes nada oportuno, sem pedir permissão, e que traz à tona acontecimentos que não esperávamos. É também ao recordar dessas memórias em que esse indivíduo afirma também a sua própria singularidade, sabendo que esta é constituída na relação, por vezes conflituosa, com outras pessoas (Galzerani, 2004). Portanto, a memória benjaminiana relaciona-se com o vivido (Paim; Pereira; Freire, 2018).

Convidamos, portanto, a adentrarmos em duas experiências acerca das questões de gênero no diálogo com as produções estudantis.

Primeira experiência com o Favo de Resistência: Rememorando as experiências de gênero

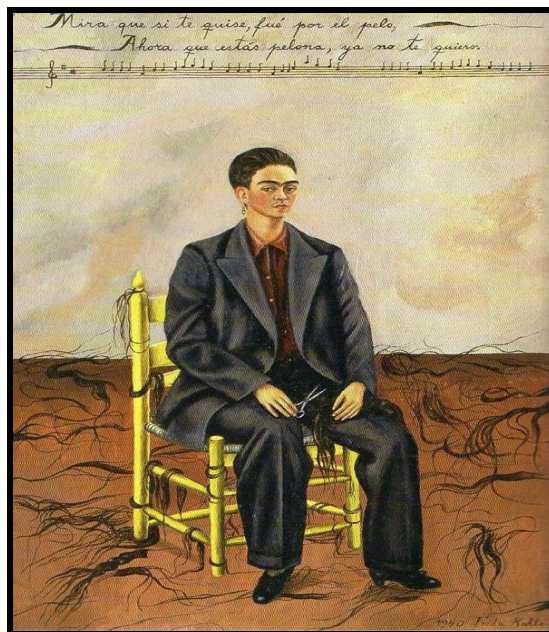
O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada

Judith Butler

No 2º *Favo de Resistência* procuramos ampliar a conversa sobre gênero, ressaltando que esse conceito foi socialmente construído, tal qual o sexo, bem como os papéis de gênero que estão presentes em nossa sociedade.

Iniciamos o encontro com a frase que abre esse *Favo de Resistência*. Em que conversamos sobre o que é gênero e sexo, abarcando o debate sobre a multiplicidade de corpos existentes para além do viés binário e de que ambos são socialmente construídos (Butler, 2020). Para fomentar o debate acerca dos papéis de gênero compartilhei a obra de arte “Autorretrato com cabelo cortado” (1940) (Figura 03), da artista mexicana Frida Kahlo (1907-1954), em que fez um autorretrato de si própria após o divórcio, momento em que resolveu cortar o cabelo. No quadro também está escrito “olha, se eu te quis foi pelo cabelo, agora que você está careca eu já não te quero mais”. Convidamos a leitura do quadro sensível da artista.

Figura 03 - Autorretrato com cabelo cortado.



Fonte: Obra de Frida Kahlo (1940). Brasil de Fato.

Ao propomos o diálogo conceitual de gênero com a/e/os estudantes por meio do quadro da artista Frida Kahlo, o foco principal era trabalhar com o conceito de gênero e papéis de gênero. Contudo, parte da/e/os estudantes, ao entrarem em contato com a obra, foram tomada/e/os de memórias involuntárias e narraram verbalmente que já vivenciaram os padrões de gênero acerca do corte de cabelo - algo que eu não imaginava que fosse acontecer, já que era nosso segundo encontro. Entretanto, as estudantes noombrilisme, Alex e Mel contaram que quando cortaram o cabelo as mães falaram que isso era “coisa de menino”, que elas

estavam virando “menino”; Alex e Retsu relataram o preconceito que sofriam por ter cortado o cabelo e andarem com roupas largas e moletoms, inclusive em virtude de sua sexualidade. Enquanto, Sinon/Sinox contou que já havia deixado o cabelo crescer e seus familiares, principalmente a mãe, falaram que isso era “coisa de menina” e que ele precisava “virar homem”.

Continuamos conversando sobre a temática e a/e/os estudantes destacaram os papéis sociais que percebem em seu cotidiano que são atribuídos às mulheres e aos homens. Muita/e/os da/e/os estudantes destacaram que aos homens, deveriam ser fortes; jogar bola; pensar num futuro, no sentido de trabalhar, ganhar dinheiro e se casar com uma mulher; que devem ser o “macho alfa”; ter cabelo curto; e um/a/e estudante pontuou que buscam uma mulher pela beleza. Já as mulheres, precisariam ter cabelos longos; usar vestido; ser delicadas; ter maturidade; saber cantar; ser extremamente arrumadas; estar impecáveis; eles entendem que a sociedade espera demais das mesmas; que elas precisam saber cozinhar; ser donas de casas; inteligentes; e que procuram homem por dinheiro.

Compreendemos com essa conversa como ela/e/us percebem alguns dos papéis de gênero no cotidiano. Conversamos então sobre os conceitos de sexo e gênero, sobre os padrões impostos socialmente à determinados gêneros e como romper com esses estereótipos.

Para instigar ainda mais a reflexão, lemos um trecho do livro “Sejamos todos feministas” (2015), da feminista e ativista escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie,

Quanto ao diálogo com a obra literária, partilhamos experiências vividas, buscando a desconstrução dos papéis de gênero, já que estes são construídos historicamente (Butler, 2020). Assim, ela/e/us perceberam que se são construções históricas significa que foram construídas, o que está diretamente atrelado à possibilidade de mudança. E nós tivemos permanências e rupturas ao longo da história, a exemplo das formas de resistência, citamos o movimento feminista, que se fez presente também no Brasil, mas que estava inserido dentro de um contexto mais amplo.

Falamos sobre a importância de quebrar os silêncios, de nós mesmos contarmos a nossa própria história. Após conversarmos sobre a temática, dialogamos sobre a possibilidade de que a/e/os estudantes narrassem como vivenciam essas questões em suas vidas. Assim, convido vocês, caro/e/e leitor/a/e, a leitura das narrativas.

Sofro muito por pessoas de mentes fechadas

Quando o feminino e o masculino não seguem seu “padrão” na sociedade, na maioria das vezes são alvos de preconceito, eu, como garota e por usar roupas masculinas, sofro muito por isso, por pessoas de mentes fechadas, como meus familiares. Mulheres geralmente são vistas como donas de casa, isso já chegou a acontecer em casa, meu padrasto não estava deixando minha mãe trabalhar por conta do machismo.

Em empresas onde o salário não é igual para os dois gêneros.

Alguns esportes são considerados masculinos e outros femininos.

(**Estudante Alex**, 16 anos, 2º ano, bi-gênero lésbica e demisssexual).

Decidir seu próprio papel

A questão de gênero é constantemente abordada no dia a dia, mas não do modo “correto” geralmente é do modo mais “padronizado em um tipo de doutrina” onde determinados gêneros pré-estabelecidos pela sociedade desempenham um papel igualmente pré-estabelecido.

O modo de abordar as questões de identidade de gênero mais próximo do correto, seria deixar cada indivíduo decidir seu próprio papel, independente de seu gênero ser julgado como “normal” aos olhos da sociedade.

(**Estudante Retsu**, 16 anos, 1º ano, mulher).

Choque de realidade

Percebo que no dia a dia são muitas as ocasiões que se percebe as questões de gênero, em todos os locais dá para se passar por algo assim. Numa sociedade onde o padrão é apenas o homem e a mulher, os homens normalmente são os líderes, enquanto a mulher, esposa, cuida da casa, dos filhos, de trabalhos domésticos, pois são vistas como frágeis, delicadas, já os homens fortes e “brutos”.

Na minha casa já passei por coisas onde são vistas como de “homem” e para minha avó isso é um choque de realidade, assim como mencionei a transfobia na catequese.

(**Estudante noombrilismé⁴**, 16 anos, 2º ano, mulher pansexual).

Preconceito totalmente desnecessário

Eu não lembro exatamente em qual século era assim, mas sei que no passado as roupas não tinham gênero. Por exemplo, os homens usavam túnicas longas e saias junto com as mulheres, e conforme foi passando os anos, foram “colocando” gênero nas vestimentas, e hoje em dia temos a moda masculina e a feminina. Acredito que por isso e também por fatores religiosos nossa sociedade estabeleceu alguns padrões de como as pessoas devem ser ou agir perante a sociedade e quando alguém foge desse “padrão” é gerado um preconceito totalmente desnecessário, e que muitas vezes pode levar a pessoa à morte.

(**Estudante Rebecah**, 16 anos, 2º ano, homem gay e demisssexual).

⁴Neste trabalho fazemos uso do nome dessa protagonista com letra minúscula porque foi assim que ela o escreveu, e tal qual nós, pesquisadora/es da área de gênero, respeitamos a escolha da feminista **bell hooks** por ter seu nome escrito dessa forma, respeitarei minha colaboradora-participante.

Em nossos diálogos

Em nossos diálogos, percebi as questões de gênero, por exemplo o padrão da sociedade machista e hetero, conhecida por ser exigente com os padrões... “lugar de mulher é na cozinha”, “casar com um homem rico e bonito” por exemplo (não sei como dizer isso sem dar esse exemplo).

(**Estudante Sinon/Sinox**, 17 anos, 2º ano, homem heterossexual).

Até nas pequenas coisas

As questões de gênero são muito perceptíveis no dia a dia, até nas pequenas coisas, como no fato de uma mulher usar roupas que a sociedade julga como masculinas ou quando um homem recusa se casar com uma mulher para construir família e gerar filhos, já que isso foi construído socialmente como o certo.

(**Estudante Mel**, 16 anos, 2º ano, mulher pansexual).

Eu vejo que isso era algo bobo

Acho que uma das que eu mais me lembro é do que a menina brinca com boneca e os meninos de futebol, que era o “certo”. O que fazia eu achar que aqueles esportes eram só para os meninos, e que as meninas nunca seriam boas nele, mas hoje mais crescida, eu vejo que isso só era algo bobo.

(**Estudante Cris**, 16 anos, 2º ano, mulher bissexual).

Comecei a reparar

Comecei a reparar quando percebi o quão errado era a mulher sempre ter que arrumar a casa, fazer comida e cuidar dos filhos, enquanto o homem trabalha e sustenta a família. As mulheres eram sempre postas como frágeis e fracas, já os homens os fortes e “sérios”.

Até mesmo em algumas novelas ou séries isso é relatado, homens não podem nem ao menos chorar. Mulheres sempre têm que abaixar a cabeça e simplesmente aceitar o que todos impõem, os homens são superiores e “chefes” por assim dizer.

(**Estudante Hannah**, 16 anos, 1º ano, mulher bissexual).

Ao olhar para as narrativas da/e/os estudantes, ficamos impactada em como os padrões sociais de gênero estão presentes nas vidas da/e/os estudantes negativamente, afetando relações familiares, círculo social, entre outros. As estudantes Mel e Alex expõem sobre como as mulheres sofrem por usarem roupas consideradas como masculinas, essa é uma questão que me toca de forma única, pois são apenas roupas. E se para muitas pessoas não são, deveriam ser. A estudante Hannah narra o quanto a visão dela acerca dos papéis de gênero mudou no decorrer do tempo, o que indica a possibilidade de nos transformarmos.

As narrativas da/e/os estudantes noombrilisme, Rebecah, Sinon/Sinox, Mel, Cris e Hannah, após um olhar sensível, denunciam os padrões sociais que são impostos aos homens, em como

a sociedade também exige deles comportamentos específicos que em tese correspondem ao ser homem, assim como para as mulheres. Em que “os homens não podem nem ao menos chorar”, nas palavras da estudante Hannah. Ou mesmo na narrativa da estudante noombriisme, que a “os homens normalmente são os líderes, enquanto a mulher, esposa” ou na do estudante Sinon/Sinox, de que “lugar de mulher é na cozinha”. Padrões esses que são reafirmados cotidianamente por nossa sociedade e que começam desde a infância. A estudante Cris chama a atenção para essa questão, em que, socialmente, “a menina brinca com boneca e os meninos de futebol”.

Assim, a estudante Retsu nos chama a atenção para essas questões que são padronizadas “tipo uma doutrina”, e que os gêneros pré-estabelecidos também “desempenham um papel igualmente pré-estabelecido”. É o que a estudante Mel coloca como “construído socialmente como o certo”, mas, pergunto, teria certo ou errado? Modelos que acabam por excluir e desconsiderar a existência de vários outros gêneros. A estudante Retsu então continua, não seria melhor “deixar cada indivíduo decidir seu próprio papel”? Assim, questiono, no diálogo com a/e/os estudantes até quando nossa sociedade restringirá a existência do gênero em pares? E até que momento irá impor papéis às pessoas?

Ainda em diálogo com as narrativas, a estudante Hannah compartilhou conosco sua experiência sobre quando começou a perceber “o quão errado era a mulher sempre ter que arrumar a casa”. Até quando vamos continuar normalizando esse tipo de padrão de comportamento, como se fosse uma tarefa para a qual as mulheres já nascessem designadas? O que não é. E ainda nos momentos em que nós, mulheres, ocupamos espaços que não são os domésticos, “o salário não é igual para os dois gêneros”, conforme aponta Alex. E mesmo assim, para estar nesses outros locais ainda é preciso, por vezes, fazê-lo em meio às lutas e enfrentamentos, como a estudante Alex narra sobre o caso do padrasto, que não permitia que a mãe trabalhasse fora de casa.

É o machismo que está consolidado em nossa sociedade, e mesmo em espaços religiosos. Rebecah narra que “por fatores religiosos nossa sociedade estabeleceu alguns padrões”. E ainda, as religiões influenciam os debates de gêneros, no sentido, muitas vezes, de considerá-los como “ideologia”, como algo inexistente. São crenças e práticas religiosas que ocupam várias cadeiras políticas, em que se formou

uma aliança composta por evangélicos e católicos mais ortodoxos, quando não fundamentalistas, bem como organizações conservadoras/reacionárias que defendem o que chamam de família e costumes tradicionais, unidas em divulgar e disseminar informações distorcidas para impedir que se alcance a equidade entre os gêneros e o respeito à diversidade sexual, conforme vem sendo ratificado internacional e nacionalmente há décadas com a intenção de diminuir as discriminações e as violências baseadas em gênero. [...]

Essa aliança entre setores geralmente não ligados entre si surtiu efeito (Reis; Eggert, 2017, p. 18).

E culminaram, na retirada da palavra “gênero” dos currículos, da chamada “ideologia de gênero”. “A ampla disseminação da falsa premissa da “ideologia de gênero”, vista como a desconstrução dos papéis de gênero tradicionais e, por consequência, da família, dentro dos ambientes educacionais, despertou uma espécie de pânico moral, retrocesso e demonização do ‘inimigo’” (Reis; Eggert, 2017, p. 20). Portanto, as instituições sociais também constroem o gênero, legitimam e deslegitimam papéis sociais.

No diálogo com as narrativas estudantis, este segundo *Favo de Resistência* foi importante para compreendermos as relações de poder que atravessam e dominam as questões de gênero em nosso país. Lembrei de Benjamin (1994), o vencedor não dá tréguas. E tais mônadas nos convidam a um despertar de sonhos coletivos (Benjamin, 2009).

Segunda experiência com o Favo de Resistência: O ato de contar-nos

Neste 3º *Favo de Resistência*, partilhamos as histórias de vida da/e/os estudantes. Convidei no favo anterior que ela/e/us trouxessem um objeto que fosse importante para sua trajetória e que houvesse alguma relação com as questões de gênero, para contarem suas histórias de vida.

Para iniciarmos esse favo, lemos juntos o poema “Todas as vidas” (2014), da poetisa goiana Cora Coralina, que nasceu em 1889 e faleceu em 1985, cujo primeiro livro foi publicado quando tinha quase 76 anos. A poesia possibilita diferentes leituras, entre elas que somos permeados de condições históricas, de outras vidas, do que já foi, contudo, isso não nos tira a autonomia, ao contrário, é uma força alavancadora que nos dá ânimo, que coexiste com a nossa liberdade. E que também somos seres históricos, com passado, que devemos estar incluída/e/os na escrita da História à luz do presente.

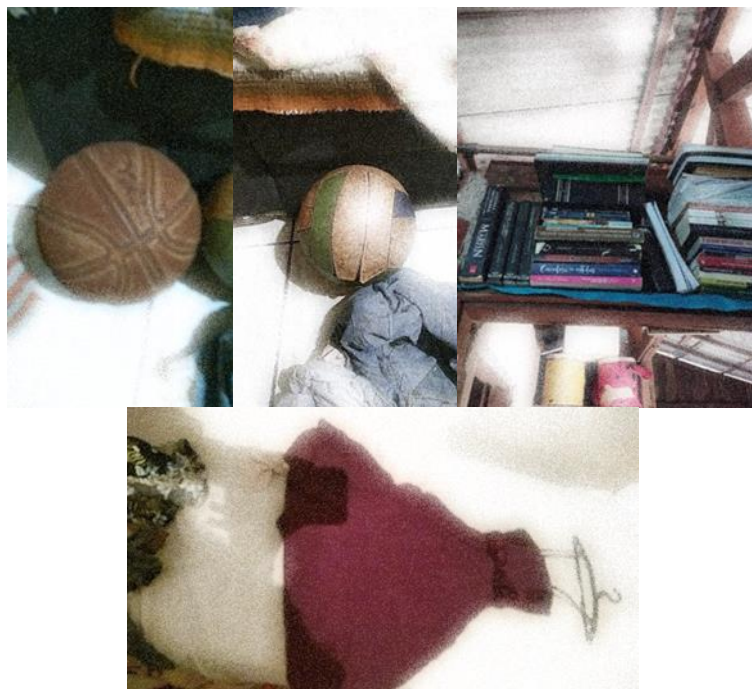
Após a leitura, conversamos sobre o que a/e/os estudantes perceberam no poema. Afirmaram que se referia a uma cultura plural, ou que mesmo que uma pessoa more na cidade, isso não

apaga que ela pode ser do campo. A proposta de trabalhar com o poema deu-se em virtude de Cora Coralina narrar em primeira pessoa como várias mulheres habitam nela ao mesmo tempo em que nos conta sobre sua trajetória de vida. Dialogamos então com o poema, e percebemos o quanto somos históricos, repletos de passado, mas também de presente. E que em cada um de nós habitam muitas outras pessoas, pois somos frutos de várias ideias, culturas, lutas, conquistas de nossos antepassados. Contudo, ainda assim temos constantemente a possibilidade de nos reinventarmos, de agirmos no presente, de mudarmos nossa realidade.

Inspirada/e/os pelo poema, a/e/os estudantes deram início à uma instigante roda de conversa lembrando suas experiências vividas na relação com as questões de gênero, a partir de um objeto.

Dessa forma, instigo vocês, estimado/a/e leitor/a/e, a conhecer essas narrativas em uma leitura sensível e acolhedora.

Sempre tenho novos hobbies e sonhos



[...] Foi escolhido por mim algumas coisas relacionadas ao gênero, sendo elas:

Camisa – eu sempre fui uma pessoa na qual não “gostava” muito de estar completamente vestida, então eu seguia o exemplo do meu pai e ficava sem camisa quase sempre, mas depois de um tempo motivada pelos comentários alheios eu passei a ficar de camisa.

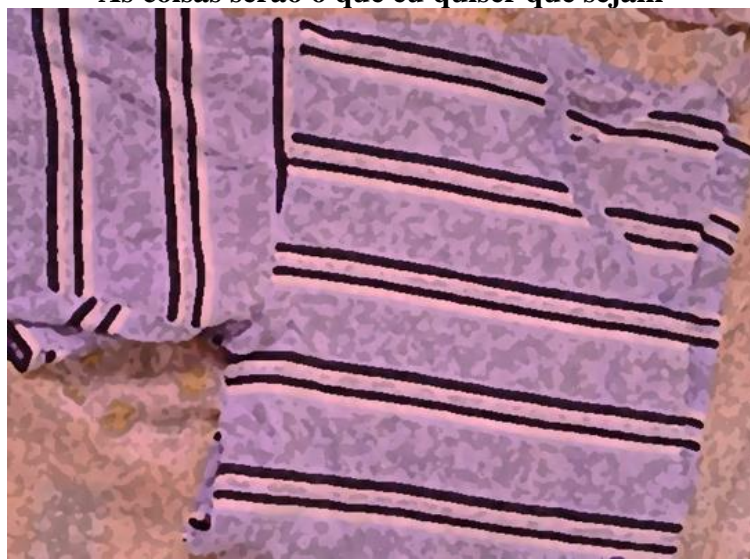
Bola de vôlei – o vôlei tem grande importância na minha vida já que é um esporte no qual me ajuda muito a “amadurecer” e também a amenizar o meu psicológico. Mas ao contrário da prática citada acima, independente das críticas eu não parei de jogar.

Livros – em determinado momento da minha vida eu peguei gosto pela literatura e não larguei mais, e por saberem que eu gosto de determinado gênero as pessoas presumem que eu quero aquilo para a minha vida ou também que eu gosto apenas deste determinado gênero.

Vestidos – independente do estilo ou modelo eu também gosto de vestidos, e por isso as pessoas presumem que eu gosto apenas disso, quando também tenho preferência por outros tipos de roupas.

(Estudante Retsu, 16 anos, 1º ano, mulher).

As coisas serão o que eu quiser que sejam



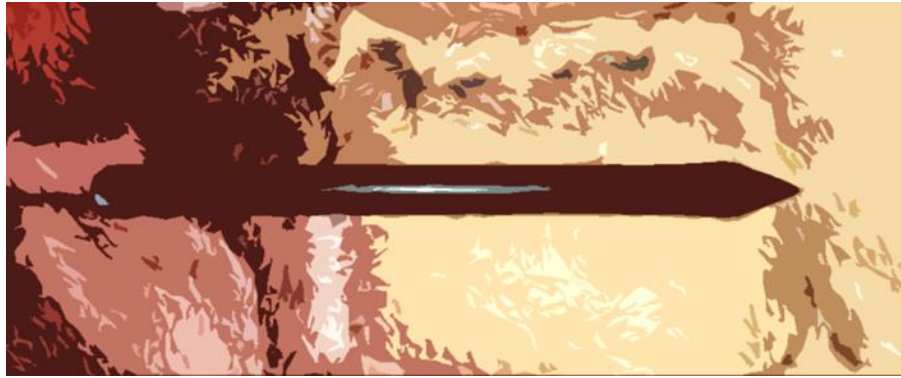
Meu objeto escolhido foi esta camiseta, ela pertencia ao meu avô.

Escolhi essa camiseta como meu objeto porque ela é muito importante para mim, assim como meu avô era.

Nunca fui muito próxima dos meus pais, por conta disso cresci com meus avós, meu vô sempre me apoiava em minhas decisões, independente do que fosse, ele me ensinou que não existe coisa de mulher ou coisa de homem, as coisas serão o que eu quiser que sejam, ele me ensinou a ser forte e não ter medo de ser quem sou, que devo sentir orgulho de mim mesma, então sempre que visto essa camiseta me sinto forte e sempre vou levar comigo tudo o que ele me ensinou.

(Estudante Mel, 16 anos, 2º ano, mulher pansexual).

Continuei porque tinham valor emocional para mim



Sempre fui muito tímida e até onde me conheço, raramente um esporte chamava a minha atenção, ou sentia que se eu fosse jogar com os meninos, eu seria mais um estorvo do que alguém que realmente valesse jogar lá com eles, devido a não ter força suficiente para jogar ou que eu só me machucaria se tentasse. Então, só me restou fazer uma coisa da vida, desenhar, começou como algo só pra não me entediar na escola, mas aos 9 conheci um garoto que desenhava também, e ali que eu comecei a levar mais a sério, eu aprendi algumas coisas com ele, e quando eu melhorei as pessoas iam se aproximando pra ver e isso me ajudava a conversar com elas, mesmo que pouco e meio desajeitado, e depois se tornou um hobby, e depois eu comecei a me interessar em animação também.

E depois de ficar uns anos pedindo, meus pais conseguiram me dar uma mesa digitalizadora pra eu desenhar e fazer animação pelo notebook também.

Então, eu escolhi a caneta digital, porque eu a uso pra desenhar, e além de desenhar, me acalmar, foi um dos melhores presentes que meus pais me deram juntos.

(Estudante Cris, 16 anos, 2º ano, mulher bissexual).

É a maneira que eu me sinto confortável me vestindo



Eu escolhi o computador porque desde pequena sempre gostei muito de jogar videogame, ganhei meu primeiro com 8 anos e desde então sou apaixonada por jogos... na minha infância toda só tive uma boneca, preferia

carrinho, jogar bola, essas coisas consideradas de meninos pela sociedade, e por esse motivo meus familiares me chamavam de "moleca".

Essa foto da camisa, foi a primeira roupa masculina que eu consegui comprar, quando criança gostava de vestir as roupas largas da minha mãe escondida, porque eu amava esse estilo mas como era minha mãe que me vestia acabava nunca usando roupas desse tipo, até chegar na minha adolescência, não comprava roupas da sessão masculinas e sim da feminina que não eram tão "femininas" assim, e foi aí que comecei a escutar críticas da minha mãe, ela vivia dizendo que eu estava tentando ser um garoto. Essa camisa tem um significado muito grande pra mim, tanto ela quanto a minha primeira bermuda (comprei no final do ano passado) é a maneira que eu me sinto confortável me vestindo e fico muito mal quando minha mãe reclama de algo.

(**Estudante Alex**, 16 anos, 2º ano, bi-gênero lésbica e demisssexual).

Experiência de passar a tinta sobre a tela



Meu objeto escolhido foi o quadro (pintura em tela) sempre fui muito apaixonada em desenhar, qualquer coisa que envolva desenho ou pintura me chamava muita atenção.

Por coincidência, eu morava perto de um pequeno “estúdio” de pintura em tela, e todos os dias eu passava em frente e implorava para minha mãe me colocar para fazer aulas. Um dia, finalmente consegui, e tive a experiência de passar a tinta sobre a tela.

Só havia mulheres lá, e eu, sendo uma criança de 10 anos tentando pintar.

Nunca achei que pintar fosse algo de “mulher”, pelo contrário, quando estudamos a arte e os pintores, a grande maioria são homens... Mas agora, isso se tornou algo mais comum entre “mulheres” por ser algo que parece ser delicado de se fazer, mas, não é. Isso depende muito do que você quer explorar (pintar), além da técnica que é aplicada com a tinta e o pincel em mãos.

Apesar de já fazer anos que não pinto uma tela, eu sinto falta de mexer com as tintas e uma vez ou outra, acabo usando as tintas que sobraram das aulas, para pintar na folha mesmo.

(**Estudante noombrilisme**, 16 anos, 2º ano, mulher pansexual).

Acessórios



Eu escolhi meus anéis, minhas pulseiras e meu colar.

No começo meus pais não gostavam pois diziam que não era coisa de “homem” usar anéis de coco ou um colar com uma pedra brilhante. Mas eu não liguei e continuei porque tinham valor emocional para mim.

Tenho uma pulseira de amizade de 6 anos com minha melhor amiga e o colar que eu uso eu ganhei da pessoa mais incrível do mundo e a que eu mais amo também.

(**Estudante Rebecah**, 16 anos, 2º ano, homem gay e demisssexual).

Tudo que foi imposto pra mim eu apenas aceitei

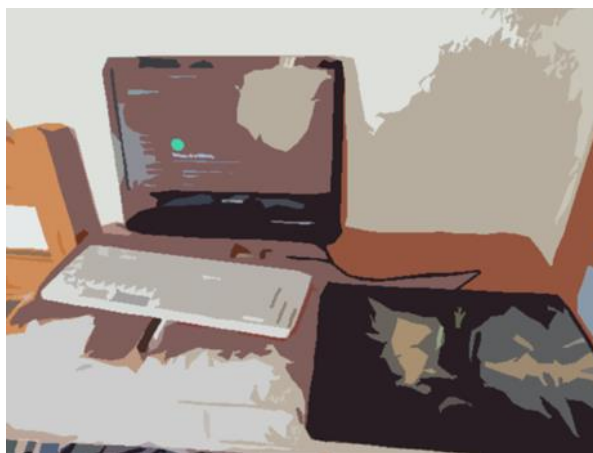


Eu sempre dancei, desde pequena eu amava dançar até músicas bobas que nem sentido fazia. Minha mãe nunca gostou muito, dizia que era para eu fazer algo mais sério e que desse um futuro melhor. Com meus 14 anos eu quis muito fazer aula de dança de rua ou balé, meu pai me apoiou dizendo que eu era ótima. Algumas semanas depois eu finalmente consegui entrar nos cursos com a autorização dos meus pais. Eu fiz dança durante um ano e junto fiz desenho já que havia me interessado muito sobre isso.

Depois de um tempo minha mãe começou a dizer que eu deveria levar a dança como carreira e largar o desenho porque segundo ela desenhar não dava certo para mim e que também não fazia o meu estilo. Eu aceitei aquilo, aceitei que falassem o que eu gostava ou não, o que fazia meu estilo ou não. Tudo que foi imposto para mim eu apenas aceitei.

(**Estudante Hannah**, 16 anos, 1º ano, mulher bissexual).

Rolou até “fama” por jogar bem



[...] Agora falando da parte de diferença de gênero que tinha no meu clan mais organizado que eu já vi MGTS, quando eu fui entregar meu formulário no discord da MGTS, aproveitei para ver a aba de regras e requisitos para entrar no clan, e um deles que era um requisito básico e que só homens

entrariam e na MGTS, isso para não correr o risco de perderem itens de valor real ou para evitar que os membros do clan tivessem uma relação mais afetiva além de amizade provocando brigas entre os membros ou se aproveitar de gados para retirar dinheiro do clan e cometer traição, esse foi o real motivo para essa regra/requisito, foi porque uns dos líderes do clan (Zubu10) foi aproveitado e abusado do seu dinheiro por uma mulher antes de ela cometer o ato de traição ao clan MGTS, mas, nossos aliados ou até mesmo a MITOS (Nosso clan secundário), era permitido a entrada de mulheres já que não tinham muitos itens de valor real, um exemplo disso é a Alice que foi vice-líder da MITOS por que por conta dessa regra/requisito ela não conseguiu vaga na MGTS, e depois eu ajudei ela a migrar para EXP (Aliados mais confiáveis) como líder de Administrativa, então foi fácil colocar ela nesse posto de líder/ADM já que ela era muito boa com isso...

(**Estudante Sinon/Sinox**, 17 anos, 2º ano, homem heterossexual).

Ao olharmos sensivelmente para as narrativas da/e/os estudantes, é possível pincelarmos feixes de experiências de gênero em suas vidas. A estudante Mel compartilhou o quanto a camiseta que era do seu avô faz ela se sentir forte, e que levará consigo tudo o que ele a ensinou. É um objeto que a lembra do quão importante é “não ter medo de ser” quem ela é. A estudante Cris narra que sua caneta digital a acalma, e que foi um dos melhores presentes que seus pais deram a ela juntos. Ou mesmo a estudante Rebecah que usava alguns objetos que tinham valor emocional para ela. Quantos objetos nós não temos que também nos faz sentir a mesma coisa? E experiências? Essas três narrativas também nos permitem à reflexão da existência de vários núcleos familiares, da multiplicidade de famílias. E, mais, quantas famílias não sofrem cotidianamente preconceito por se estruturarem de forma distinta daquela considerada como o “padrão”?

E quantas vezes essas famílias e a sociedade não corroboram para a legitimação de padrões de comportamento machistas, misóginos e patriarcais? A estudante Rebecah narra que seus pais não gostavam que ela usasse anéis e colar, pois, “não era coisa de ‘homem’ usar anéis de coco ou um colar com uma pedra brilhante”. Já a estudante Retsu, entre tantos *hobbies*, compartilhou que “não ‘gostava’ muito de estar completamente vestida”, que assim como seu pai, ficava sem camisa quase sempre, e que ao ouvir comentários de outras pessoas a respeito, passou a utilizá-la. No diálogo com a estudante Alex, pude perceber que seus familiares a chamavam de “moleca”, por gostar de coisas consideradas como de meninos, até mesmo sua mãe disse que ela “estava tentando ser um garoto”. E a estudante Hannah, contou que a mãe não apoiava na dança, mas que depois “começou a dizer que eu deveria levar a dança como carreira e largar o desenho”, disse ainda que aceitou tudo o que foi imposto a ela.

Essas são mônadas potentes e que nos permitem flagrar alguns papéis de gênero. Então questiono: por que continuamos reproduzindo que atributos ou objetos A ou B devem ser usados apenas por determinado gênero? Butler (2020), chama nossa atenção de que essas questões não são determinantes de gênero, nem pertencentes a gêneros específicos. E ainda, o quanto nossa sociedade sexualiza crianças, ao ponto de olhar para uma criança sem “camisa” e fazer comentários. Até quando será normalizados comportamentos sexuais, abusivos, estupradores e assediadores para com as crianças? E ainda, por que frequentemente reduzimos uma pessoa a apenas uma característica? Não somos nós seres múltiplos, diversos e atravessados por várias "características", sejam elas físicas ou não?

A estudante noombrilisme chama a atenção para “quando estudamos arte e os pintores, a grande maioria são homens. Mas agora, isso se tornou algo mais comum entre ‘mulheres’”, justamente em razão de parecer ser algo “delicado de se fazer”. O que nos permite a reflexão: onde estão as mulheres nas artes? Onde estão as mulheres na História? Muitas vezes silenciadas. E mesmo, quantas profissões não se popularizaram como sendo de mulheres, por ser considerada socialmente enquanto “delicadas”, “sensíveis”, “que aflora os instintos maternos”. A própria profissão de docente infantil, foi e ainda é ocupada majoritariamente por mulheres, em razão dessas questões. E é necessário que as desnaturalizemos, pois partem de um viés biológico e determinista, como se essas características fossem ontológicas às mulheres.

O estudante Sinon/Sinox narrou que no “*clan*” que era membro, um dos “líderes foi aproveitado e abusado do seu dinheiro por uma mulher antes de ela cometer um ato de traição”, e que, em razão disso, não era mais permitido mulheres. Será que um caso específico é capaz de definir um grupo de pessoas? Até que ponto essa atitude do *clan* de proibir mulheres não evidencia um comportamento machista e misógino que já estava presente, mas que foi escancarado esse acontecimento?

Experiências que não se findam

Este é um trabalho em construção e reconstrução, tal qual todos os outros que se propõem a realizar uma leitura a contrapelo (Benjamin, 1994), a tratar de temas sensíveis e minorias sociais. Parte de nós temos esse “algo em comum”, essa chama que nos habita de querer lutar

por um mundo outro, em abrir novos caminhos para o futuro, em dialogar com novas realidades. Isso porque não nos movemos unicamente para conseguir um título e ter reconhecimento acadêmico - por mais que essas coisas sejam importantes e façam parte dos nossos objetivos, nós também buscamos, clamamos e fazemos parte de causas sociais, desses grupos historicamente oprimidos, dentre os quais estão, as mulheres, a comunidade LBGTQIAPN+, os indígenas, os negros, as comunidades ribeirinhas, entre outras.

É a partir das demandas do presente que olhamos para o passado, é a partir dessas questões, desses grupos, de suas necessidades. E mesmo quando tratamos sobre temáticas vivas no presente, tal qual é a violência de gênero, é por meio da perspectiva de que “o passado está cheio de futuro, no caso, nosso presente” (Pego, 2016, p. 11), em que a escola não está excluída, tampouco a/e/os estudantes que a frequentam.

Assim, a escola pode ser entendida enquanto um local de transformações sociais, em que os estudantes são os agentes ativos dessa ação. Da mesma forma que outros espaços sociais. Portanto, espaços públicos e sujeitos são fundamentais para a construção de uma sociedade outra, com mais equidade de gênero, social, de oportunidades e sem preconceitos. E é nesse fazer junto com o público e no público que entendo enquanto uma possibilidade para as mudanças sociais.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 2014.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, História e (re)invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina. **Educação, Memória, História: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 287-330.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

PAIM, Elison Antonio; PEREIRA, Pedro Mülbersted; FREIRE, Ana Paula da Silva. Apresentação: porque dialogar com experiências e memórias na acepção de Walter Benjamin ou a modo de apresentação. In: _____. **Diálogos com Walter Benjamin**: memórias e experiências educativas. Florianópolis: Gráfica e Editora Copiart, 2018, p. 17-35.

PEGO, Richardson Dutra da Costa. **A imagem do feminino em Walter Benjamin**: uma análise da mulher a partir da perspectiva de gênero. 2016. 104 f. (Mestrado em Letras). Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del-Rei, 2016.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de Gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan./mar. 2017.

Recebido em 2024-05-31

Aprovado em 2024-06-11

Publicado em 2024- 07 -15